

Índice

Agradecimentos	11
Introdução	15
Parte I — A Doença X	
1. Irresponsabilidade Organizada	41
2. Wuhan não É Chernóbil	63
3. Fevereiro: A Perder Tempo	79
4. Março: Confinamento Global	94
Parte II — Uma Crise Global sem Precedentes	
5. Em Queda Livre	109
6. Volta o “Custe O Que Custar”	125
7. Economia em Suporte de Vida	147
8. Conjunto de Ferramentas	173
Parte III — Um Verão Quente	
9. Próxima Geração UE	195
10. A China em Movimento	211
11. Crise Nacional Norte-Americana	233
Parte IV — Interregno	
12. Corrida às Vacinas	251
13. Alívio da Dívida	270
14. Economias Avançadas: Torneiras Abertas	290
Conclusão	309
Notas	329

Introdução

Se uma palavra pudesse resumir a experiência de 2020, seria incredulidade. Entre o reconhecimento público por Xi Jinping do surto de coronavírus, em 20 de Janeiro de 2020, e a tomada de posse de Joseph Biden como 46.º presidente dos Estados Unidos, precisamente um ano depois, em 20 de Janeiro de 2021, o mundo foi abalado por uma doença que, no espaço de 12 meses, matou mais de 2,2 milhões de pessoas e deixou dezenas de milhões gravemente doentes. No final de Abril de 2021, quando este livro foi para a tipografia, o número global de mortes ultrapassava os 3,2 milhões. O perigo que representa perturbou a rotina diária de praticamente toda a gente no planeta, parou grande parte da vida pública, fechou escolas, separou famílias, interrompeu viagens dentro e fora dos países e virou a economia mundial às avessas. Para conter as consequências nefastas, o apoio dos governos às famílias, às empresas e aos mercados assumiu dimensões que não se vêem a não ser em tempo de guerra. Não foi apenas (de longe) a recessão económica mais acentuada vivida desde a Segunda Guerra Mundial, foi qualitativamente incomparável. Nunca antes tinha havido uma decisão colectiva, por mais aleatória e desigual, de encerrar grandes sectores da economia. Foi, como disse o Fundo Monetário Internacional (FMI), “uma crise sem precedentes”.¹

O vírus foi o rastilho. Mas mesmo antes de sabermos o que nos iria atingir, havia muitas razões para pensar que 2020 poderia ser um ano tumultuoso. O conflito entre a China e os Estados Unidos (EUA) estava em ponto de ebulição.² Pairava no ar uma “nova Guerra Fria”. O crescimento global tinha abrandado fortemente em 2019. O FMI preocupava-se com o efeito desestabilizador que a tensão geopolítica

poderia ter numa economia mundial mantida artificialmente à base da dívida.³ Os economistas preparavam novos indicadores estatísticos para acompanharem a incerteza, que estava a prejudicar o investimento.⁴ Os dados apontavam consistentemente para que a origem dos problemas estava na Casa Branca.⁵ O 45.º presidente dos Estados Unidos da América, Donald Trump, tinha-se conseguido transformar numa obsessão global pouco saudável. Candidatava-se à reeleição em Novembro e parecia decidido a desacreditar o processo eleitoral, mesmo que resultasse numa vitória. Não foi por acaso que o lema da edição de 2020 da Conferência de Segurança de Munique — o Davos para questões de segurança nacional — foi “*Westlessness*”, falta de ocidentalidade.⁶

Para além das preocupações com Washington, o prazo das intermináveis negociações do *Brexit* estava a esgotar-se. Ainda mais alarmante para a Europa, no início de 2020, era a perspectiva de uma nova crise de refugiados⁷, tendo, em pano de fundo, tanto a ameaça de uma pavorosa escalada final da guerra civil na Síria como o crónico problema do subdesenvolvimento. A única forma de remediar a questão seria dinamizar o investimento e o crescimento globalmente no sul. O fluxo de capital, no entanto, mantinha-se instável e desigual. No final de 2019, metade dos países devedores com o rendimento mais baixo da África Subsariana já estavam à beira do sobreendividamento.⁸

E mais crescimento não era panaceia. Produziria mais pressão ambiental. O ano de 2020 deveria ser decisivo para a política climática. A reunião da 26.ª Conferência das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, também conhecida como COP26, estava agendada para Glasgow em Novembro de 2020, poucos dias depois das eleições norte-americanas.⁹ Marcaria o quinto aniversário do Acordo de Paris sobre o clima. Se Trump ganhasse, o que no início do ano parecia uma possibilidade plausível, o futuro do planeta ficaria em jogo.

O sentimento generalizado de risco e ansiedade que pairava em torno da economia mundial era uma inversão notável. Não muito antes, o aparente triunfo do Ocidente na Guerra Fria, o grande crescimento do peso dos mercados financeiros, os milagres das tecnologias da informação e o alargamento da órbita do crescimento económico, tudo junto parecia cimentar a posição da economia capitalista como o motor incontestável da história moderna.¹⁰ Na década de 1990, a resposta à maioria das questões políticas parecia simples: “É a economia,

estúpido.”*¹¹ Com o crescimento económico a transformar a vida de milhares de milhões de pessoas, acreditava-se que “não há alternativa”, como Margaret Thatcher gostava de dizer. Ou seja, não haveria alternativa a uma ordem baseada na privatização, na regulação pouco interventiva e na liberdade de circulação de bens e capitais. Já em 2005, o primeiro-ministro centrista britânico, Tony Blair, permitia-se declarar que discutir a globalização fazia tanto sentido como discutir se o Outono devia seguir-se ao Verão.¹²

Em 2020, tanto a globalização como as estações do ano ficaram bastante em causa. A economia tinha passado, de ser a resposta, a ser o problema. A resposta óbvia: “É a economia, estúpido”, passava a ser: “A economia de quem?”, ou: “Qual economia?”, ou mesmo: “O que é economia?” Uma série de crises profundas — que começaram na Ásia no final da década de 1990 e que se mudaram para o sistema financeiro atlântico em 2008, para a zona euro em 2010 e para os produtores globais de mercadoria em 2014 — tinham abalado a confiança na economia de mercado.¹³ Todas essas crises foram ultrapassadas, mas à custa de despesas dos governos e intervenções dos bancos centrais, que destruíram completamente preceitos firmemente estabelecidos sobre “pouca intervenção do governo” e bancos centrais “independentes”. E quem beneficiou? Os lucros foram para os privados, as perdas eram socializadas. As crises tinham sido provocadas pela especulação. A escala das intervenções necessárias para as estabilizar foi histórica. No entanto, a riqueza da elite global continuou em expansão. Sem surpresa, era agora comum perguntar se a crescente desigualdade levaria a perturbações populistas.¹⁴ O que muitos eleitores do *Brexit* e de Trump queriam era “a sua” economia nacional de volta.

Entretanto, o espectacular crescimento da China roubava a inocência à economia noutra prisma. Já não era evidente que os grandes deuses do crescimento estivessem do lado do Ocidente. Isso, ao que parece, perturbou uma importante suposição subjacente ao Consenso de Washington**. Em breve, os Estados Unidos iriam deixar de ser o núme-

* Frase utilizada na campanha eleitoral de Clinton contra Bush, em 1992, que pretendia ser resposta para praticamente todos os problemas sentidos pelo eleitorado. Passou a ser muito glosada nos EUA. (N. T.)

** Conjunto de dez regras que economistas de instituições financeiras de Washington consideraram fundamentais para promover o “ajustamento macroeconómico” dos países

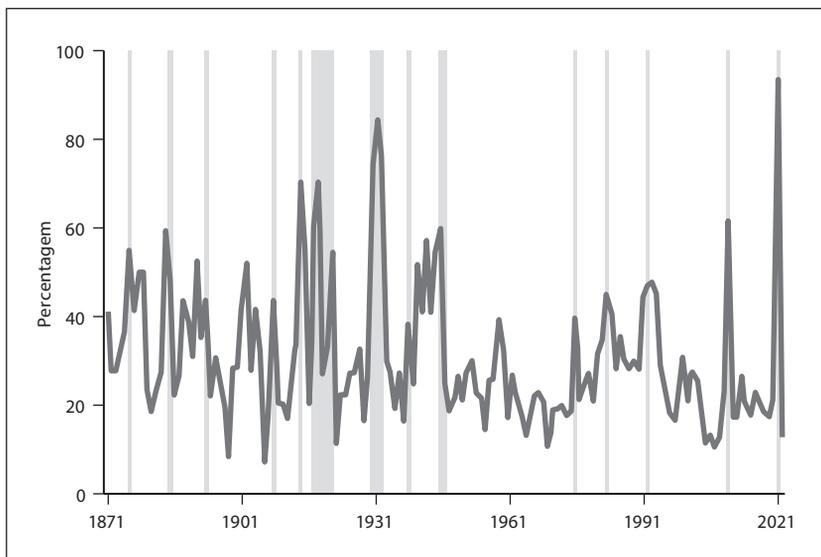
ro um. De facto, era cada vez mais claro que os deuses, pelo menos a ver pela deusa da natureza, Gaia, estavam em desacordo com o crescimento económico e ponto final.¹⁵ As alterações climáticas, que antes eram uma preocupação apenas dos movimentos ambientalistas, tornaram-se emblemáticas de um mais vasto desequilíbrio entre a natureza e a humanidade. Falava-se de “*Green Deals*” — pactos ecológicos — e de transições energéticas por toda a parte.

E foi então, em Janeiro de 2020, que a notícia surgiu de Pequim. A China enfrentava uma epidemia bastante desenvolvida de um novo coronavírus. Nessa altura, já era pior do que o surto da síndrome respiratória aguda grave — SARS —, que, em 2003, tinha provocado grandes preocupações. Este foi o “contra-ataque” da Natureza, para que os activistas ambientais há muito alertavam; mas, enquanto as alterações climáticas obrigavam as mentes a abarcarem uma escala planetária e um calendário contado em décadas, o vírus era microscópico e expansionista e progredia a um ritmo de dias ou semanas. Não afectava glaciares e marés oceânicas, mas os nossos corpos. Era espalhado pelo nosso hálito. Iria pôr em causa não apenas as economias nacionais individualmente, mas a economia mundial.

O vírus que, em Janeiro de 2020, seria rotulado SARS-CoV-2 não era um cisne negro, um evento radicalmente inesperado e improvável. Era um rinoceronte cinzento, um risco que foi dado como tão certo que foi subestimado.¹⁶ Quando emergiu das trevas, o rinoceronte cinzento SARS-CoV-2 foi visto como uma catástrofe predita. Era precisamente o tipo de infecção altamente contagiosa, semelhante à gripe, que os virologistas tinham antecipado. Veio de um dos lugares de onde esperavam que viesse — uma região de interacção densa entre vida selvagem, agricultura e populações urbanas, comum no Leste da Ásia.¹⁷ Espalhou-se, previsivelmente, pelos canais globais de transporte e comunicação. Francamente, já há um tempo que estava para chegar.

Tem havido grande debate na economia sobre o “choque da China” — o impacto nos mercados de trabalho ocidentais da globalização e o

em desenvolvimento que passavam por dificuldades. Baseadas nos preceitos neoliberais, tornaram-se a receita oficial do FMI a partir da década de 1990. (N. T.)



Previsão de desastre global, Junho de 2020: proporção de economias com contração anual do PIB *per capita*. As áreas sombreadas referem-se a recessões globais. Os dados para 2020-21 são previsões.

A. Kose e N. Sugarawa, "Understanding the Depth of the 2020 Global Recession in 5 Charts", *World Bank Blogs*, 15 de Junho de 2020

súbito aumento das importações originárias da China, no início dos anos 2000.¹⁸ A SARS-CoV-2 foi um “choque da China” com vingança. Recuando aos tempos da Rota da Seda, doenças infecciosas viajaram de leste para oeste através da Eurásia. Em tempos antigos, a difusão tinha sido limitada pelo ritmo lento das viagens. Na era da vela, aqueles que transportavam doenças tendiam a morrer pelo caminho. Em 2020, o coronavírus moveu-se à velocidade do jacto e do comboio de alta velocidade. Wuhan, em 2020, era uma metrópole que estava a receber migrantes recentes. Metade da população iria sair da cidade para celebrar o Ano Novo Chinês. A SARS-CoV-2 demorou apenas algumas semanas a espalhar-se de Wuhan pela China e por grande parte do resto do mundo.

Um ano depois, o mundo vacilou. No histórico do capitalismo moderno, nunca houve um momento em que cerca de 95 % das economias mundiais sofressem uma contração simultânea do PIB *per capita*, como aconteceu no primeiro semestre de 2020.